

# “Só para saber da sua saúde”: o registro das sibilantes pelas mãos de uma noiva portuguesa

“I hope these lines will find you in good  
health”: sibilance in personal letters  
written by a Portuguese bride

Victor Carreão<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de  
Campinas, Campinas, SP, Brasil  
E-mail: vcarreao@yahoo.com.br

## Resumo

Nas primeiras décadas do século XX, durante os conflitos da Primeira Guerra Mundial, muitas cartas foram escritas e enviadas para os soldados nas linhas de frente do confronto. Neste artigo, apresentaremos uma amostra de nove cartas escritas por uma noiva portuguesa a seu noivo, um soldado do Corpo Expedicionário Português na França, e investigaremos a variação no registro ortográfico das sibilantes nessas missivas. Teyssier (1997) nos mostra que, em Portugal, o sistema de sibilantes variava conforme a região onde os falantes se encontravam. Essa diversidade foi, por muitos anos, refletida na ortografia e fez com que os registros das sibilantes pudessem ser feitos com <s> ou <ç>. Seguindo os moldes da pesquisa com cartas pessoais (cf. RUMEU, 2010) e a metodologia da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 2009), buscamos na rede social (cf. MILROY, 1987) dessa missivista indícios da pressão normativa em voga na época. Embora nossos resultados não mostrem que aqueles próximos à autora tenham tido influência em sua escrita, uma rápida investigação sócio-histórica nos mostra que a instabilidade entre <s> e

### Editores-chefes

Marcus Soares  
Célia Lopes

Recebido: 25/07/2024

Aceito: 23/09/2024

### Como citar:

CARREÃO, Victor.  
“Só para saber da sua  
saúde”: o registro das  
sibilantes pelas mãos de  
uma noiva portuguesa.  
Revista LaborHistórico, v.11,  
n.1, e64987, 2025. doi:  
[https://doi.org/10.24206/  
lh.v11i1.64987](https://doi.org/10.24206/lh.v11i1.64987)

<ç> para as sibilantes, encontrada nas cartas dessa noiva portuguesa, tem suas raízes no pouco acesso à instrução formal e às limitações impostas às mulheres à época.

### Palavras-chave:

Linguística Histórica; Sociolinguística; Sibilantes; Ortografia; Cartas Pessoais.

### Abstract

In the first decades of the 20th century, during the conflicts of the First World War, many letters were written and sent to soldiers on the front lines of this conflict. In this paper, we will present a sample of nine letters written by a Portuguese bride to her fiancé, a Portuguese soldier from the Corpo Expedicionário Português in France, and investigate the variability in the written register of sibilant sounds in these letters. Teyssier (1997) shows us that, in Portugal, the sibilant system varied depending on the region where the speakers were located. This diversity was, for many years, reflected in the way people wrote and this caused the sibilant sounds to be represented by <s> or <ç>. In accordance with researches with personal letters (cf. RUMEU, 2010) and the methodology of Historical Sociolinguistics research (ROMAINE, 2009), we searched this writer's social network (cf. MILROY, 1987) for signs of the normative/grammatical pressure in vogue at the time. Although our results do not show that those close to the author had an influence on her writing style, a quick socio-historical investigation shows us that the instability between <s> and <ç> for the sibilant sounds, found in the letters of this Portuguese bride, has its roots in the little access to formal education and the limitations imposed on women at the time.

### Keywords:

Historical Linguistics; Sociolinguistics; Sibilants; Orthography; Personal Letters.

## Introdução

Essa investigação é fruto de uma tese de doutorado que explorou diferenças e similaridades entre missivistas portuguesas que residiam nos dois lados do Atlântico no início do século XX. De 76 cartas pessoais disponíveis no site do projeto FLY<sup>1</sup>, escritas por portuguesas na Europa durante os difíceis anos da Primeira Guerra Mundial, apenas nove cartas foram escritas por uma mulher: uma jovem moradora do Concelho de Zêzere, na região meridional de Portugal, durante o primeiro quartel do século XX. Há uma observação no site do Projeto FLY que levanta a possibilidade de estas cartas terem sido ditadas e não escritas de próprio punho, mas tocaremos nessa questão mais adiante. Essas missivas, de uma jovem noiva portuguesa escrevendo a seu amado nas linhas de combate na França, também foram as únicas que apresentaram um traço linguístico que nos chamou a atenção: a variação

entre <s> e <ç> para representar as sibilantes em posição inicial e medial de palavras. Essa alternância não é encontrada em nenhuma outra missiva, pelo menos não nos momentos “cristalizados” de abertura e fechamento das cartas. Entendemos a cristalização desses momentos como frases de saudação e de despedida que são repetidas em, praticamente, todas as missivas da época. Também verificamos que as missivas dessa autora apresentam um bom controle da escrita, sem juntura de palavras e com espaçamento e parágrafos. Por esse motivo, a variação na escrita das sibilantes é um traço linguístico que destoa por si só.

Em alguns momentos, podemos observar nas cartas uma mudança de caligrafia, principalmente após o momento de despedida das cartas, como se alguém houvesse transcrito o que era ditado pela noiva no documento e, apenas no final, a noiva escrevesse de próprio punho. Esses momentos serão destacados mais adiante. Inicialmente, aventa-se a hipótese da variação no registro das sibilantes estar ligada: (i) à questão do gênero da autora; e (ii) ao acesso das mulheres à educação ou a outras formas de leitura na época.

Estudos diacrônicos, dentro da linguística, são investigações interessantes que nos ajudam a entender melhor as interações entre a sociedade e a língua em tempos passados. A linguística histórica é uma das áreas que se debruça sobre essa temática, porém outros subcampos mais específicos também se dedicam a estudar as dinâmicas da língua em tempos pretéritos. Entre eles, temos a sociolinguística histórica. Para Romaine (2009), a sociolinguística histórica usa o passado para explicar o presente e, para tanto, utiliza-se do estudo histórico com uma abordagem sociolinguística. Assim, a “reconstrução da língua em seu contexto social” é um dos principais problemas de pesquisa que devem guiar os linguistas em estudos diacrônicos (ROMAINE, 2009, p. 105. Tradução nossa<sup>2</sup>). Essa reconstrução depende da “recuperação de eventos passados” sendo a principal evidência os textos que sobreviveram da época estudada (ROMAINE, 2009, p. 121. Tradução nossa<sup>3</sup>).

Os textos antigos que são objetos de estudo merecem um tratamento especial. Rumeu (2010) destaca as seguintes características como aquelas que caracterizam uma boa amostra de textos para investigações diacrônicas: (i) a identificação do perfil social dos missivistas – ou de documentos distintos; (ii) a escolha do gênero textual que compõe a amostra; (iii) o uso de manuscritos autógrafos; e (iv) a descrição dos documentos (mantendo uma edição/transcrição conservadora). O tratamento da amostra, ou do corpus, e dos documentos que a compõem é muito importante no

---

<sup>1</sup> As cartas mencionadas neste artigo estão disponíveis no site <http://fly.clul.ul.pt/index.php>. Não é possível indexar o site para cada uma das missivas, assim, o leitor que desejar o acesso ao fac-símile e às transcrições de cada documento poderá fazê-lo acessando esse link e digitando o código da missiva.

<sup>2</sup> No original: “Reconstruction of language in its social context”.

<sup>3</sup> No original: “Recovery of past events”.

que diz respeito à forma dos documentos. Por exemplo, Luz (2015) observa algumas características do gênero carta pessoal: saudação inicial, local e data, captação de benevolência, núcleo, saudação final, observação e assinatura. Alguns trechos das cartas apresentam formas mais cristalizadas que outras, como a saudação e a despedida. São esses trechos de cartas antigas que nos propomos a investigar neste artigo em um primeiro momento: as saudações e despedidas nas missivas desta noiva portuguesa. Para tanto, é preciso um estudo que leve em consideração o indivíduo que escreve (e para quem escreve), uma vez que a língua pode ser utilizada para que um indivíduo componha a sua identidade.

O papel das identidades individuais é o assunto central da terceira onda da sociolinguística - como posto por Penelope Eckert em muitos de seus trabalhos sobre “comunidades de prática”. Uma comunidade de prática “pode ser definida como uma negociação coletiva contínua de um regime de competência, que não é estático e tampouco explícito” (ECKERT e WENGER, 2005, p. 584. Tradução nossa<sup>4</sup>).

Como ressaltam Eckert e Wenger (2005, p. 583), “prática” e “atividade” não são a mesma coisa; em outras palavras, não podemos considerar um indivíduo que realiza certas atividades como automaticamente membro de uma comunidade caracterizada por realizar essa determinada atividade. Uma “prática” é uma “maneira de realizar as coisas, fundada em e compartilhada por uma comunidade” (ECKERT e WENGER, 2005, p. 583. Tradução nossa<sup>5</sup>). A distinção entre esses dois pontos é necessária para melhor entender o que é “legitimidade” dentro de uma hierarquia: desenvolver uma atividade caracterizada como a prática de uma comunidade é diferente de estar em certo nível dessa comunidade que decide o que deve fazer parte de suas atividades ou não; essa autonomia e poder são exercidos pela “legitimidade” dos indivíduos (ECKERT e WENGER, 2005, p. 583).

Um dos campos de pesquisa em que a sociolinguística histórica e a terceira onda da sociolinguística se sobrepõem é conhecida como “variação intra-autor” (em uma tradução do termo “intra-writer variation”). Dessa maneira, é possível questionar se a pressão entre pares, os outros membros desta mesma comunidade de nossa missivista, poderia fazer com que a representação de suas sibilantes se alterasse com o passar do tempo. É claro que isso poderia ser atribuído, também, à pressão normativa da época, porém, como as nove cartas de nossa autora foram escritas em um período de três anos, é possível observar alguma mudança em suas ortografias. Portanto, vejamos a seguir mais informações sobre as cartas da noiva e as pessoas que integravam sua rede social à época.

---

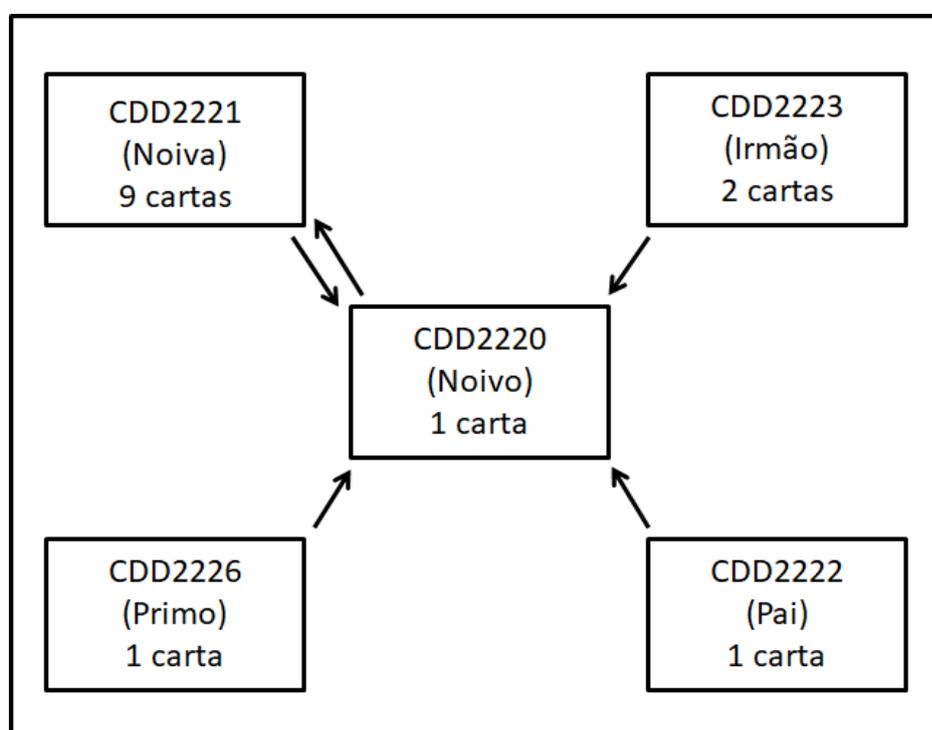
<sup>4</sup> No original: “A community of practice can be defined as an ongoing collective negotiation of a regime of competence, which is neither static nor fully explicit”.

<sup>5</sup> No original: “Is a way of doing things, as grounded in and shared by a community”.

## Sobre as cartas

O site<sup>6</sup> do Projeto FLY (Forgotten Letters) faz parte de um projeto da Universidade de Lisboa. Nele, podemos encontrar diferentes cartas pessoais transcritas. Todos esses documentos estão classificados conforme cinco contextos de correspondências pessoais: 1ª Guerra Mundial, Guerra Colonial, Emigração, Prisão e Exílio. Foi em uma busca na amostra de cartas da 1ª Guerra Mundial, constituído por cartas de soldados portugueses na frente de batalha na França e de seus familiares em Portugal, que encontramos nossa missivista, a autora de código CDD2221: uma noiva que escreve para seu amado, que estava nas linhas de frente das batalhas na França. Também encontramos outras cartas associadas a essa autora. Dessa maneira, pudemos reconstruir sua rede social (e também ter acesso a outros documentos de pessoas próximas a ela), conforme vemos na figura abaixo:

**Figura 1:** Rede social da autora



O noivo de CDD2221 escreveu apenas uma carta, cuja data é apresentada no site do Projeto FLY como entre 1916 e 1919. Essa missiva foi direcionada à sua noiva, que lhe escreveu nove cartas nesse mesmo período. É interessante verificar, como veremos mais adiante, que as saudações e despedidas de suas missivas são cristalizadas, mudando muito pouco. Entretanto, o registro das sibilantes, por vezes, apresenta

<sup>6</sup> Disponível em: < <http://fly.clul.ul.pt/index.php?page=searchCards&search=PG&orderby=ano> >. Acesso em 4 de junho de 2024.

alterações. Como mencionado anteriormente, objetivamos aqui verificar como a variação, ortográfica e epistolar, nas cartas da missivista de código CDD2221, pode estar relacionada à sua rede social e a fatores sociais da época.

O Concelho de Zezere fica a 65 km de Coimbra. A distância não é muito significativa para que a oposição entre o “urbano” e o “rural” faça com que as normas gramaticais não exerçam pressão sobre os indivíduos que ali habitam. Contudo, como veremos a diante, apenas as cartas da noiva apresentam variação e traços linguísticos que apontam para uma variedade mais conservadora do Português Europeu da época. Assim, a pergunta que norteia essa pesquisa está relacionada à pressão normativa/gramatical que a rede social de um indivíduo pode exercer: estar em contato com registros linguísticos diferentes poderia fazer com que a ortografia da autora mudasse? Em termos de sócio-história, também é preciso pensar qual era o papel da mulher afastada dos centros urbanos portugueses nessa época. Considerando que, de toda amostra de cartas do Projeto FLY no início do século XX, as cartas de nossa autora são as únicas escritas por uma mulher, faz-se necessário uma pesquisa de cunho histórico para tentar entender o que a alternância na ortografia poderia simbolizar em termos linguísticos.

No site do Projeto FLY, todas as cartas de nossa missivista contam com a seguinte descrição, feita pela equipe de pesquisadores que transcreveu os documentos: “Carta de amor, provavelmente ditada, de uma mulher para o seu futuro marido, militar do C.E.P em França. De Ferreira do Zêzere (concelho) para [França]”. Ao analisarmos os fac-símiles, de fato, as cartas apresentam diferentes grafias, mostrando que, muito provavelmente, outras mãos escreveram o que foi ditado por essa portuguesa. Contudo, é difícil afirmar se este é o caso, ou quantas mãos teriam escrito essas missivas. Assim, entendemos que a mão de nossa autora teria acesso a outras cartas e outros escritos. Logo, essa mão não estaria isenta das pressões das normas gramaticais da época.

Dois traços de estilo nos chamam a atenção nesse conjunto de nove cartas: (i) a abertura cristalizada de todas as cartas; e (ii) a variação nessas aberturas da grafia das sibilantes em início de palavra, variando entre <ç> e <s>. Olharemos, aqui, para o recorte das aberturas das cartas em que “só para saber da tua saúde” está escrito – com o uso das sibilantes, em posição inicial, em três palavras: “só”, “saber” e “saúde”. Como veremos mais adiante, a grafia <ç> para as sibilantes nesse contexto indica uma realização apical própria de variantes do norte de Portugal.

Romaine (2009, p. 122. Tradução nossa<sup>7</sup>) destaca que “o princípio de funcionamento da reconstrução sociolinguística deve ser o “princípio da uniformidade”. Em

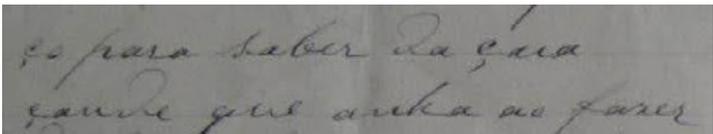
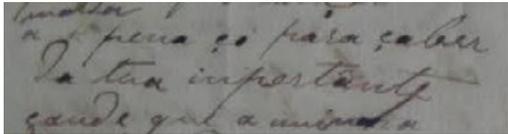
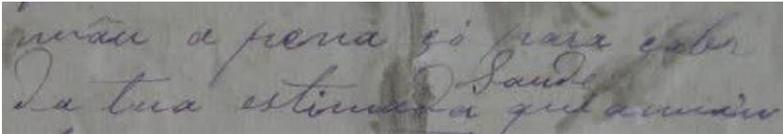
---

<sup>7</sup> No original: “The working principle of sociolinguistic reconstruction must be the ‘uniformitarian principle’. In other words, we accept that the linguistic forces which operate today and are observable around us are not unlike those which have operated in the past”. Esse princípio é detalhado por Labov (1994).

outras palavras, aceitamos que as forças linguísticas que operam hoje e são observáveis ao nosso redor não são diferentes daquelas que operaram no passado”. Assim, a alternância entre <s> e <ç> poderia indicar um processo em que uma nova ortografia estaria sendo implementada, fruto de uma mudança linguística em curso no caso das sibilantes. A distância do vilarejo em que CDD2221 residia até o centro urbano de Coimbra poderia explicar o porquê dessa instabilidade no registro das sibilantes ainda ser observado nas primeiras décadas do século XX. Esse fenômeno também ajudaria a mostrar o caminho que a mudança linguística/ortográfica percorreu, começando com outros grupos sociais e finalizando com as mulheres. É interessante reforçar que todos os outros membros da rede social de nossa missivista, homens de idade próxima a ela (uma estimativa justificada por conta do conteúdo das cartas), não apresentavam essa alternância para o registro das sibilantes.

Inicialmente, podemos nos perguntar se a pressão gramatical influenciou a autora a variar o uso de <s> e <ç> nas saudações e despedidas de suas missivas, trechos cristalizados das cartas pessoais. Essa normatização poderia ter chegado até ela não de uma maneira tradicional, como a escola, mas sim através de pessoas de sua rede social que, de certa maneira, tiveram influência em sua maneira de escrever. Isso justifica nossa metodologia de estudo através da análise de sua rede social.

Como mencionado anteriormente, existe, como disponibilizado no site do Projeto FLY, a possibilidade das cartas de nossa autora terem sido escritas por outra mão. Os fac-símiles das cartas nos permitem uma comparação da caligrafia. Destaca-se, nos trechos abaixo, a escrita da palavra “saúde”, ora com <s> e ora com <ç>. Vejamos essa breve comparação:

Código da carta	Trecho com “só para saber da tua saúde”
FLY2161	
FLY2155	
FLY2154	

Código da carta	Trecho com “só para saber da tua saúde”
FLY2152	
FLY2153	
FLY2164	
FLY2163	
FLY2156	
FLY2162	

A caligrafia dos trechos acima é parecida em muitos dos casos, principalmente em traços isolados como os da letra < d >. É claro que isso é pouco para afirmar que uma mesma mão escreveu todas essas missivas. O que é curioso é verificar como a variação entre < s > e < ç > às vezes acontece na própria carta, como na missiva FLY2164 (detalhada mais adiante). Essa instabilidade pode ser algo da própria mão que escreveu as cartas e ajuda a mostrar o processo de implementação de uma nova regra ortográfica, ou a mudança fonética das sibilantes em curso nas áreas rurais da parte meridional de Portugal. Vejamos um pouco sobre as sibilantes, e outras informações acerca de comunidades linguísticas, a seguir.

## Referencial teórico

Pensar as comunidades linguísticas como uma rede, conectando todos os seus membros, é uma das maneiras de entender como os indivíduos de um grupo interagem

uns com os outros e o quão próximo eles são. Essa também é uma boa maneira de estudar a variação intra-autor, pois, como defendido por Milroy (1987, p. 21. Tradução nossa<sup>8</sup>) as redes sociais podem ser utilizadas de forma a explicar “a variabilidade no comportamento linguístico individual nas comunidades”. Para o autor, “não apenas as redes de equipes locais são densas, mas é provável que cada indivíduo esteja ligado a outros em mais de uma capacidade - como colega de trabalho, parente e amigo, por exemplo” (MILROY, 1987, p. 21. Tradução nossa<sup>9</sup>), e isso permite um entendimento da dinâmica social de um indivíduo dentro de um grupo em determinado local. Isso também permite que o senso de pertencimento de cada indivíduo em relação ao local em que habitam seja verificado, de maneira similar às comunidades de prática.

Por estarmos trabalhando com cartas pessoais em uma perspectiva diacrônica, é preciso, antes de tudo, verificar o grau de habilidade que a autora possuía em relação à escrita. Petrucci (1978) define três níveis de habilidade escrita: o elementar de base, em que não há o uso de pontuação, diacríticos, a falta de ligamentos ou junção de palavras; o usual, com algumas abreviações e ligamentos podendo ser observados; e o puro, com domínio dessas normas de organização do texto. Nos trechos de saudações das cartas, apresentados anteriormente, podemos ver que a mão que registra os textos de nossa autora se encaixa no nível de habilidade “puro”, uma vez que a organização do texto é visível.

Outra característica relacionada à habilidade em relação à escrita é o “grau de letramento”. Em sua análise das cartas trocadas por um casal de noivos, no Rio de Janeiro em 1936 e 1937, Xavier (2015) buscou estabelecer o perfil e o grau de letramento do casal com base na grafia da letra <r> e dos processos linguísticos relacionados a ela. Como processos associados à grafia do <r>, temos: a elisão (podendo ser a apócope – em “comer” como “come” - e a síncope - em “carne” como “cane”), o rotacismo (em “planta” como “pranta”), a metátese (em “trabalhar” como “tarballhar”) e a hipercorreção (o uso do rótico em contexto fonéticos não aplicáveis a ele, como “olár” por “olá”) – Amaral (1920) também faz um detalhado registro desses fenômenos. Nossa missivista, assim como sua rede social, apresenta alguns casos isolados dos fenômenos destacados neste parágrafo. Faremos o apontamento deles, quando for oportuno, durante nossa análise na próxima seção deste artigo.

Em relação à padronização gramatical, para Leite (2011) a norma linguística se constrói sobre o uso que é fixado socialmente. Nesse sentido, é importante lembrar o que Coseriu (1979, p, 29) destaca em relação à língua e à norma linguística: “o conceito de língua é um conceito histórico, enquanto que sistema e norma são

<sup>8</sup> No original: “it can be used to account for variability in individual linguistic behaviour in communities”.

<sup>9</sup> No original: “not only are local team networks dense, but each individual is likely to be linked to others in more than one capacity-as a co-employee, a kinsman and a friend, for example.”

conceitos estruturais e portanto sincrônicos: referem-se ao ser e não ao devir”. Olhar para a ortografia implica entender como determinados processos linguísticos tomaram forma ao longo da história e, por isso, precisamos revisitar o histórico da realização das sibilantes no português.

Dentre as consoantes do português lusitano, nos séculos XVI e XVII, as sibilantes eram aquelas com maior diversidade:

As palavras escritas com s surdo, -ss- e -s- eram pronunciadas com o s chamado apical (s, z): profere-se com a parte anterior, um tanto côncava, da ponta da língua nos alvéolos superiores: é, com matizes diversos, o s castelhano e de várias outras línguas e falares: occitânico, basco, sardo, etc. O seu efeito acústico é sx: posso = pasxo; é também conhecido como s beirão ou reverso. É um fonema integrado, pois apresenta uma correlação sonora, cujo efeito acústico é naturalmente sj: rosa, casa (roza, caza) (SILVA NETO, 1970, p. 590)

Dessa maneira, na tripartição do território português proposta por Silva Neto (1970, p. 591), em Portugal, parte da região do Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e da Beira manteria “a distinção entre as quatro sibilantes”, produzindo de um lado, s, ss e ç, e do outro s e z. Na outra parte dessa região, haveria a distinção de duas sibilantes (uma surda e a outra sonora), sendo ambas apicais. Por fim, na região Sul – do Mondego para baixo (tendo o rio como marcação dessa divisa) – são distinguidas duas sibilantes, sendo ambas pré-dorsais. As características acústicas dessas quatro realizações são detalhadas da seguinte maneira por Teyssier (1997):

As duas pré-dorsodentais eram pronunciadas com a ponta da língua virada para baixo, e a parte anterior do seu dorso próxima dos dentes de cima (como o /s/ e o /z/ das palavras francesas *casser* e *caser*). As duas ápico-alveolares eram pronunciadas com a ponta da língua próxima dos alvéolos (TEYSSIER, 1997, p. 42)

Com o passar dos anos, os fonemas passaram a ser assimilados. Azevedo Maia (2016, p. 791) destaca que:

a partir da segunda metade do século XIII, na área meridional de Portugal, os falantes tinham começado a não estabelecer a distinção entre sibilantes pré-dorsais e apicais e que, ao chegar ao século XV, a língua oral do Sul do País deveria apresentar em estado muito avançado o processo de neutralização fonológica dos dois tipos de fonemas. A partir da zona meridional, a mudança fonético-fonológica difunde-se geográfica e socialmente

Esse fenômeno também é registrado por Teyssier (1997, p. 43):

Em fins do século XVI o português comum reduziu a dois os quatro fonemas, e essa redução fez-se em favor das pré-dorsodentais, idênticas às do francês. Tem-se doravante os dois fonemas seguintes:  
Uma pré-dorsodental surda /s/; ex.: paço e passo confundidos;  
Uma pré-dorsodental sonora /z/; ex.: cozer e coser confundidos

Teyssier (1997, pp. 43-44) também registra a diversidade nessas três áreas de Portugal: (i) o Centro-Sul, com uma “confusão das pré-dorsodentais e das ápico-alveolares em favor das pré-dorsodentais”; (ii) o Noroeste-Centro-Leste, que também registraria a mesma confusão, mas “em favor das ápico-alveolares”; e (iii) o Nordeste, com a “conservação dos quatro fonemas primitivos”. No início do século XX, data da escrita das missivas que aqui analisaremos, essa distinção<sup>10</sup> já estaria mais estabelecida e a alternância na representação escrita já não seria tão registrada. Essa seria outra razão para verificar a alternância entre <s> e <ç> nas missivas de nossa autora.

Por fim, os grupos que habitavam cada uma dessas regiões descritas por Teyssier (1997) e Silva Neto (1970) não estavam isentos da pressão normativa da época. De acordo com Ke, Gong e Wang (2008, p. 938. Tradução nossa<sup>11</sup>), “indivíduos próximos em termos de distância social ou com status social alto possuem impacto maior no aprendizado [de determinadas variantes linguísticas]”. Assim, é necessário entender como a influência daqueles próximos à nossa autora pode ser mensurada. Para tanto, na próxima seção, veremos como a metodologia de investigação desenrola-se neste artigo, e em quais momentos faremos a comparação entre nossa autora e sua rede social.

## Metodologia: as fórmulas epistolares nas cartas

Aqui, detalharemos como as cartas de CDD2221 serão analisadas e como as informações extralinguísticas permitem um trabalho com o perfil da autora e o estudo de sua rede social. Portanto, nossa metodologia de pesquisa se pauta em três momentos: (i) uma análise comparativa entre as aberturas e despedidas das cartas da noiva e de sua rede social; (ii) o levantamento das ocorrências das variantes para as sibilantes; e (iii) uma investigação sócio-histórica sobre as mulheres em zonas rurais de Portugal nas primeiras décadas do século XX.

---

<sup>10</sup> Outros trabalhos, como os estudos de Luís Filipe Lindley Cintra e de Clarinda Maia, mostram de maneira mais detalhada as características das sibilantes em Portugal.

<sup>11</sup> No original: “Individuals within a shorter social distance or with a higher social status have a stronger impact on the learner”.

Não iremos fazer um levantamento exaustivo em relação ao grau de letramento da autora, uma vez que é possível que diferentes mãos tenham escrito suas missivas, e pelo fato de não termos encontrado sinais de um baixo grau de letramento. Consideramos que a jovem noiva portuguesa é a “autora” das cartas, e nos referimos a ela dessa forma neste artigo, uma vez que são suas as palavras impressas no papel, independentemente das mãos que seguram a caneta. Mais adiante, também retornaremos à possibilidade de um cenário em que diferentes escribas tenham redigido as linhas ditadas pela jovem noiva portuguesa. Como pudemos ver na abertura deste artigo, o traçado das cartas é firme, assim como a separação das palavras e a pontuação são bem delimitadas também. Existem alguns traços linguísticos que chamam a atenção. Temos, por exemplo, a supressão do ditongo “ai”, em palavras como “mais”, observada em diferentes momentos das cartas de nossa autora. Na carta FLY2155, encontramos o seguinte trecho com “mas” no lugar de “mais” (todos os grifos abaixo são nossos):

(1) [p]poues eu com  
respeito aos rapazes não  
quero  
çaber de **mas** nigão çe  
não de ti ço Cuero que  
me

(*Projeto FLY*, Carta FLY2155)

Aqui, já observamos algumas ocorrências do uso de <ç> no lugar de <s> em palavras como “saber”, “se” e “só”. Outro exemplo da redução do ditongo é encontrado na carta FLY2154:

(2) ja veijo que me não  
rende De nada **mas** paçiença  
Poues mandavasmе

(*Projeto FLY*, Carta FLY2154)

Aqui, também conseguimos observar o uso de <ç> em “paçiença”. Outro caso de redução do ditongo “ai” é observado na missiva FLY2153:

(3) com isto  
nada **mas** açeita  
muitas çaudades  
do primo

(*Projeto FLY*, Carta FLY2153)

As palavras “aceita” e “saúde” também apresentam a sibilante registrada com <ç>. Há também outro dois trechos em FLY2156 com a redução do ditongo, fazendo com que “mais” fosse grafado como “mas”:

(4) e nella vim tudo  
quanto me mandavas dizer  
o  
que eu **mas** [estimava]  
çaber que  
tinhas çaude foue o que eu  
**mas** estimei

(*Projeto FLY*, Carta FLY2156)

As palavras “saber” e “saúde” também estão grafadas com <ç>. Por fim, na missiva FLY2162, temos um ditongo reduzido:

(5) Com isto nada  
**mas** para que tudo

(*Projeto FLY*, Carta FLY2162)

Na carta FLY2151, do noivo para a noiva, também encontramos dois trechos com a ditongação de “mas” (grifos nossos):

(6) com tudo pois não digo que m não seja pelo escrivão **mais** tambem sera por causa [...] qualqué coisa do mudo **mais** eu tambem dou desculpa a éssa coisa pois meu quirido

(*Projeto FLY*, Carta FLY2162)

Outras ocorrências de troca, ou omissão, de letras são pontuais – e serão mencionadas na seção seguinte quando for pertinente. A carta do noivo apresenta menos sinais de pontuação do que os trechos das cartas de sua noiva, mas a quebra de linha, nas cartas de nossa autora, faz com que a organização do texto ignore essas regras. Com esse panorama, passemos à comparação entre a abertura e a despedida das cartas da rede social da noiva.

## **Análise aberturas e despedidas das cartas de CDD2221 e de sua rede social**

A comparação entre as fórmulas epistolares das nove cartas é uma das análises de nossa pesquisa. As investigações de cunho sócio-histórico complementam esse

procedimento. Aqui, selecionamos as saudações e despedidas das cartas, conforme os anos em que foram escritas. A quebra de linha e a transcrição mantêm-se como encontradas no site do Projeto FLY. Os destaques em negrito foram feito por nós, destacando as palavras iniciadas por sibilantes:

**Tabela 2:** Saudações e despedidas nas cartas escritas pela autora em 1916

Ano (Carta)	1916 (FLY2161)
<b>Saudação</b>	6 do Curenente de 191 Snr [N] com muito gosto e satisfação man dei lancar a mão a pena <b>ço</b> para saber da çua <b>çau</b> de que a nha ao fazer desta e boa graças a Deus para <b>çenpre</b> ;
<b>Despedida</b>	com isto nada maes desculpa de esta minha carta mal nota da saudades de teu mor adeus te um dia

A saudação utilizada por nossa autora consiste em um trecho com os dizeres “com muito gosto e satisfação, mandei lançar a mão à pena só para saber de sua saúde. A minha, ao escrever esta carta, é boa, graças a Deus para sempre”. Como veremos nas outras cartas abaixo, a variação nesse trecho é pequena, com alguns adjetivos aparecendo e com o uso de “tua” ao invés de “sua”. Apenas a palavra “saudade” é escrita com <s>. A despedida apresenta mais variações nas cartas seguintes. Podemos entendê-la como “com isto nada mais. Desculpe por esta minha carta estar mal escrita. Saudades do teu amor. Adeus, até um dia”. Variações na despedida aparecem em todas as cartas da autora, algumas contando com pequenas notas de post-scriptum (P.S.) também. Essa carta apresenta o uso do tratamento “senhor”, escrito como “Snr”, logo na abertura. Esse mesmo tratamento não é encontrado em outras missivas de nossa autora. Essa seria uma possibilidade de apontar, pelos estilos de abertura das cartas, diferentes mãos que redigiram as missivas. Porém, como mencionamos anteriormente, por conta das limitações de nossa amostra, essas

seriam apenas hipóteses. A seguir, vejamos as saudações e despedidas para quatro cartas da nossa autora escritas durante 1917 e para uma carta escrita por seu noivo, também no mesmo ano:

**Tabela 3:** Saudações e despedidas nas cartas escritas pela autora em 1917

Cartas da noiva (1917)				Carta do noivo para a noiva (1917)
(FLY2152)	(FLY2155)	(FLY2154)	(FLY2153)	(FLY2151)
28 de maio de 1917 meu querido amor com muito gosto mandei lançar a mão a pena ço para caber da tua çaude que a minha ao fazer desta é boa graças Deus	24 do 9 - 1917 Illm Snr Ouje é que fou o dia que eu fue lançar a en mão a a pena ço para çaber da tua inportánte çaude que a minha áo fazer desta e boa graças Deus pa mas a de toda a minha familia	26 de outubro 1917 Illm Snr Meu amor foue ouze o dia que eu mandei lançar a mão a pena çó para çaber da tua estimada saude que a min ha ao fazer desta é boa graças Deus	14 do Curenre de 1917 com muito gosto e çatisfação lançei a mão pena çó para çaber da tua çaude que  minha a fazer desta e boa graças Deus	1 do 9 de 1917 Meu querido amor  foi hoge odia em que eu treminei em lançar a mão á pena <b>somentes</b> para <b>saber</b> da tua estimada <b>saude</b> e de toda a tua familia que é o que eu mais diseijo <b>saber</b> que eu ao faser desta fico complétamente bem de <b>saude</b> felismente i todos meuscompanheiros

Cartas da noiva (1917)				Carta do noivo para a noiva (1917)
(FLY2152)	(FLY2155)	(FLY2154)	(FLY2153)	(FLY2151)
demais saudades de toda minha família e da [N] e da [N] [N] e do primo [N] mulher q as milnhas para com tigo <b>só</b> a vista terão fim <b>P.S.</b> poes o [N] a ellas o [N] e estão para cazar Ja se apergoarão	Aseita <b>Saudades</b> do primo om [N] e de todos jeral que as minhas para comtigo çó vista terão fim aDeus até um dia <b>Texto vertical</b> O meu Nome e [N] <b>P.S.</b> poes o [N] / [N] ja deixou a [N]	<b>saudades</b> são falores colhidas no meu jardim que as que as minha par cotigo só vista terão fim ADeu ADeus <b>Texto vertical</b> sou eu [N] <b>P.S.</b>  <b>Texto vertical</b> Poes o meu [N] tãobãe ja para ai esta nãe sei se o ja verias ou não	com isto nada mas aceita muitas <b>çaudades</b> do primo [N]e da molher e destas raparigas e do meu [N] e da minha [N]e de toda minha família e da [N] e tãnbãe da [N] que as minhas <b>çó</b> vista terão fim  <b>P.S.</b> adeus ate vista  aDeus <b>çaudades</b> desta tua amante que çó vista terão fim	agora com isto nada mais as novidades desta terra são como dantes manda- me diser as novidades dessa terra e da muitas saudades a tua família e ao Primo [N] e a molher dele a [N] <b>Texto vertical</b> agora eu aqui te mando esta lebrãça que isto é so para te dar á demonstrar que te tanho alguma amisedade pois eu mandote esta carta de toda a satisfação so para disabafar penas que eu trago no coração e com isto nada mais recebe um Perto de mão  Deste teu amor do coração

A carta FLY2124 traz a palavra “saúde” escrita com <s>, destoando das demais marcações feitas por nós, em que as sibilantes são representadas por <ç>. A carta do noivo, por outro lado, não apresenta nenhuma alternância entre <s> e <ç>, com as sibilantes em posição inicial de palavra sendo representadas por <s>. As missivas FLY2155 e FLY2154 utilizam o tratamento “ilustríssimo senhor”, grafado como “Illm Snr”, na abertura das cartas. Também não encontramos esse mesmo tratamento em outras missivas, o que poderia ajudar a delimitar essas cartas como escritas por uma segunda mão que não fosse a de nossa autora. É claro que essa é uma suposição, caso nossa autora tenha de fato ditado suas cartas a outrem.

Abaixo, temos três cartas escritas pela noiva em diferentes momentos de 1918. Os destaques em negrito também foram feitos por nós, mostrando a representação das sibilantes:

**Tabela 4:** Saudações e despedidas nas cartas escritas pela autora em 1918

<b>Cartas da noiva para o noivo (1918)</b>		
(FLY2164)	(FLY2163)	(FLY2156)
<p>a 3 de Março de 1918 meu querido amor foue ouJe o dia que eu mandei lançar a mau a pena <b>có</b> para <b>çaber</b> da inportantiçima <b>saude</b> que e o que eu mas estimo ae <b>çaber</b> que eu áo fazer desta fico <del>çãe</del> <b>novi</b> <del>dade</del> boa graças Deus</p>	<p>Farnça 2 Outubro de 1918 Meu querido amor com com muito gosto mandei lançar a mão a pena <b>çó</b> para <b>çaber</b> da tua <b>çau</b><b>de</b> que a minha ao fazer desta e boa felismente amas todos i a minha familia</p>	<p>4 do Curete dezenbro de 1918 Meu querido amor com muito prazer e alegria man dei lançar a mão a pena, <b>çó</b> para saber da tua inportan te saude que é o que eu mas extimo ae <b>çaber</b> que a minha ao fazer desta é boa graças a deus para senpre</p>
<p>Com isto <del>de</del> Nada mas <b>saudades</b> de toda a minha fami lia e do primo [N] e da molher que as minhas <del>ao fase</del> <b>des çó</b> a vista terão fim</p>	<p>Com isto terminei a minha escurita q Ja sou <b>maçadora</b> <b>saudades</b> deste teu amor que tão frime te é como próprio não é como a verdade que não é agua mas que lava Deso meu coração <b>çe</b> padeçe abrir ó Jardim de firmeza ãe contrarias dirento delle e os teus olhos xorarião por ãecontra tal firmeza adeus amor té um brebe fim</p>	<p>com isto nada mas que ja <b>ção</b> maçadora <b>çaudades</b> deste teu amor de primo [N] e da molher da minha [N] e de toda a minha <del>fat</del> familia <b>sou</b> teu amor [N] <b>P.S.</b> vaete carta fojir</p>

A palavra “saúde” é grafada com <s> em duas das cartas, uma escrita em março e outra em dezembro. “Saudades” também aparece com a mesma representação para a sibilante inicial, mas, na despedida da carta FLY2156, é escrita com <ç>. A segunda carta (FLY2163) conta com a despedida que mais difere das demais. Encontramos um trecho em que nossa autora utiliza uma figura de linguagem, como a símile, para falar de sua saudade pelo amado. É um trecho bonito e sensível, em que a cristalização das formas perde seus moldes. Ficam dois registros interessantes dessa missiva e da seguinte (FLY2156): o uso de “brebe fim”, com a alternância de <b> e <v>, e o uso de “maçadora saudade”, respectivamente. As três missivas desse período contam com uma abertura sem formas de tratamento, todas iniciadas por “Meu querido amor”. Esse outro estilo de abertura poderia indicar uma terceira pessoa escrevendo as missivas de nossa autora.

Para esse mesmo período, temos as seguintes aberturas e despedidas das cartas de sua rede social, do irmão do noivo e do irmão da noiva, ambos escrevendo para o noivo, que estava nas trincheiras de batalha francesas:

**Tabela 5:** Saudações e despedidas nas cartas escritas pela rede social da autora em 1918

Cartas do irmão do noivo para o noivo (1918)		Carta do irmão da noiva para o noivo (1918)
(FLY2157)	(FLY2158)	(FLY2158)
Meu querido Mano	10 de Junho de 918 Meu querido mano [N]	Ferança 26 do /5/ de 1918
Muito estimo que tu ao receberes d’esta minha carta que te vá encontrar gosando d’uma flis e profeita <b>saude</b> que nós graças a deus ficamos bons e a mãe já está um bocadinho melhor.	muito estimo que ao receber desta minha carta te vaia encomtrar de uma perfeita e feliz <b>saude</b> que eiu fico bem gracias a Deus,	Meu querido primo e a migo [N]  hoije mesmo Lançei a mão A Caneta <b>Soment</b> para saber da tua boa <b>Saude</b> que A minha ão fazer desta ficu bom gueraças a deus Aa para Senpre

Cartas do irmão do noivo para o noivo (1918)		Carta do irmão da noiva para o noivo (1918)
(FLY2157)	(FLY2158)	(FLY2158)
<p>Com isto to não te enfado mais aceita um aperto de mão da prima [N] que ella tráz cá dois rapazes á de manda um com o outro um é o [N] de a [L] e o outro e o filho do Alfaiate de os [L] não no sei qual é o que hade vencer</p> <p><b>Aceita</b> muitas no recomendações do pãe e de a mãe e de os nossos manos tios e tias e de toda a nossa fami_lia e <b>aceita</b> muitas recomendações de o [N] Fl. [2]v</p> <p>Sem mais <b>aceita</b> um aperto de mão de este que é teu amigo e irmão</p>	<p>com isto nada mais saudades do pae e da mae e tu recebe muitas <b>saúdades</b> e um abraço deste teiu mano muito amigo que a vida te deseja para muitos annos e bons [N]</p>	<p>agora pur hoje determino a minha iscrita que não te possu ser mais maçadôre da muintas recume daçois o meu primo da [N] a mais o meu primo [N] a mais [N] i tu reçéb um saudoso Aperto de mão deste teu Fl. [2]v Amigo</p>

Podemos observar que não há alternância no uso de <s> e <ç>, com as sibilantes sendo representadas por <s>. Por fim, vejamos os trechos da carta FLY2162, escrita pela noiva no ano de 1919, e de uma missiva escrita pelo pai do noivo para ele (FLY2159):

**Tabela 6:** Saudações e despedidas nas cartas escritas pela autora em 1919

Ano (Carta)	Carta da noiva para o noivo 1919	Carta do pai do noivo para o noivo
	(FLY2162)	(FLY2159)
Saudação	<p>[N] 6 de Janeiro de 1919 Meu querido amor com muito gosto mandei lançar a mau a pena <b>çó</b> para <b>çaber</b> da tua <b>çaude</b> que a minha é boa graças Deus para <b>Senpre</b></p>	<p>1 de Janeiro de 1919 Meu querido e estimado filho muito eide estimar que ao receber de esta minha carta te vá encontrar de uma felis <b>saude</b>, nos vamos de <b>saude</b> e <b>sem</b> novidades</p>

Ano (Carta)	Carta da noiva para o noivo 1919	Carta do pai do noivo para o noivo
	(FLY2162)	(FLY2159)
Saudação	<p>Com isto nada mas para que tudo melho e nada mas Saudades do primo [N] e da Molher <b>Fl. [1]r</b> [...] e da [N] de [L] e da as mesmas ao [N] da [L] e de toda a minha familia ãe Jeral que as novidades minha para contigo <b>çó</b> a vista terão fim <b>Sou</b> teu amor [N] P.S. adeus ate um dia</p>	<p>agora ele e tua Comadre manda- te muitas <b>saudades</b> e o teu afilhado anda muito doente e recebe muitas <b>saudades</b> dos do [N] e de teu padrinho e madrinha e de teus tios e tias e de primos e primas e de teu mano [N] e [N] e de teu páe e mãe recebe uma viva <b>saudade</b> e um apertado abraço <b>sou</b> este teu páe que esta a tua espera a toda a hora</p>

Nesta última missiva da noiva, observamos um número maior de palavras registradas, na saudação e na despedida, com <s>. Aqui, assim como nas cartas anteriores, temos a abertura da carta iniciando sem formas de tratamento com a linha “Meu querido amor”, podendo indicar, no caso de as cartas, de fato, terem sido ditadas, uma mesma terceira mão as escrevendo ao invés de nossa autora. A carta do pai do noivo não apresenta alternância na grafia. A possibilidade de a rede social da noiva exercer algum tipo de pressão normativa sobre a ortografia, um de nossos questionamentos iniciais, não é observada nas saudações e despedidas das missivas aqui investigadas. Esses trechos das cartas são mais “cristalizados”, com pouca mudança de uma missiva para a outra, e, portanto, poderiam ser aqueles mais facilmente modificados no momento da escrita de cartas ao longo dos anos.

É preciso lembrar que a correspondência direta das cartas da noiva foi apenas com o noivo. Logo, em termos de contato com a escrita, a única missiva do noivo (FLY2151), de 1917, poderia ser considerado um documento que exerceria algum tipo de “pressão normativa” em relação à ortografia de suas sibilantes. É interessante também pensarmos que nem o irmão da noiva, o irmão do noivo, ou o pai do noivo, foram as mãos que escreveram as cartas da noiva, uma vez que observamos um padrão diferente no registro das sibilantes. O conteúdo de algumas cartas da rede social da noiva nos mostra que, de fato, a noiva estava na mesma comunidade, na mesma

rede social, que esboçamos no início deste artigo. Na carta FLY2157, do irmão do noivo para o noivo, o missivista escreve que encontrou com a noiva em uma festa da cidade e que ela lhe perguntou sobre ele:

(7) [encontrei com] a tua rapa riga na conversa com ella na festa de Sta. Anna e ella me perguntou por ti

(*Projeto FLY*, Carta FLY2157)

A seguir, veremos o levantamento de todos os registros de sibilantes nas nove cartas da noiva, para verificar se a mudança de <ç> para <s>, vista em algumas das aberturas e despedidas apresentadas acima, poderia indicar uma mudança em curso. Podemos pensar, por exemplo, em palavras com maior frequência de uso como aquelas que poderiam apresentar maior diferença na escrita, pois teriam sido vistas, ouvidas ou escritas com maior frequência pela noiva, ou pelas mãos que escreveram suas cartas, no período de 1916 a 1919.

## A alternância no registro das sibilantes

Em 1916, temos as seguintes palavras registradas na missiva da noiva:

**Tabela 7:** Número de ocorrências das representações das sibilantes nas cartas da noiva em 1916

FLY2161			
Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra	
3 ocorrências (25%)	9 ocorrências (75%)	0 ocorrências (0%)	8 ocorrências (0%)
<s>	<ç>	<s>	<ç>
satisfação	ço		esfalçcia
saber	çua		paçcia
saudades	çau		peço
	çenpre		coração
	ção		peço
	ço		açcia
	çaudades		reçbin
	çó		graças
	çe		

É interessante verificar que “saudades” é escrita em dois momentos com representações distintas para a sibilante em posição inicial de palavra. Essa alternância

pode ser fruto da pressão normativa, causando insegurança no momento da escrita dessa palavra. Em 1917, temos os seguintes registros:

**Tabela 8:** Número de ocorrências das representações das sibilantes nas cartas da noiva em 1917 – primeira parte

FLY2155				FLY2154			
Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra		Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra	
4 ocorrências (25%)	12 ocorrências (75%)	1 ocorrência (7%)	13 ocorrências (93%)	16 ocorrências (70%)	7 ocorrências (30%)	2 ocorrências (12%)	15 ocorrências (88%)
<s>	<ç>	<s>	<ç>	<s>	<ç>	<s>	<ç>
se	ço	Aseita	boça	sei	çó	pareseme	lançar
se	çaber		converça	se	çaber	reseber	graças
so	çaude		perdeçe	sou	çe		reçebim
Saudades	çedo		coração	só	çaber		paçeeça
	çe		açi	saudades	çabemos		paçiença
	ço		coração	sáu	çaibas		xatiçes
	çeiras		lenbrança	saudades	çe		açim
	como		notiças	so			xatiçes
	çe		reçebido	se			mereçer
	çe		reçebim	se			neçe
	çó		graças	saber			maçadora
			lançar	sou			descançe
			reçebim	se			xatiçes
				se			xatiçes
				só			xatiçes
				saude			

A mesma alternância da missiva anterior é observada em palavras mais usuais, como “se”, “só” e “saber”. Duas outras missivas desse mesmo ano também apresentam comportamento similar. Vejamos as palavras abaixo:

**Tabela 9:** Número de ocorrências das representações das sibilantes nas cartas da noiva em 1917 – segunda parte

FLY2152				FLY2153			
Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra		Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra	
7 ocorrências (39%)	11 ocorrências (61%)	0 ocorrências (0%)	10 ocorrências (100%)	6 ocorrências (35%)	11 ocorrências (65%)	0 ocorrências (0%)	14 ocorrências (100%)
<s>	<ç>	<s>	<ç>	<s>	<ç>	<s>	<ç>
saudades	ço		lançar	saber	çatisfação		lançei
so	çau		graças	Saude	çó		reçebim
ser	çaber		reçebim	Sentar	çaber		graças
se	çau		desfarçar	Santanna	çau		reçevim
saudades	ço		coração	serta	çau		março
só	ço		desfarçar	Seu	çaudades		reçebim
se	ço		póço		çó		ençomenda
	çoubera		peço		çereijas		iço
	çofrido		maçadora		çeiija		açentar
	çaudades		reçebeste		çaudades		paraça
	çou				çó		açentar
							praça
							açeita
							dirécção

A alternância para o registro das sibilantes em posição inicial de palavra se mostra grande nessas duas cartas também. Em 1918, temos três missivas da noiva:

**Tabela 9:** Número de ocorrências das representações das sibilantes nas cartas da noiva em 1917 – segunda parte

FLY2152				FLY2153			
Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra		Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra	
2 ocorrências (17%)	10 ocorrências (83%)	0 ocorrências (0%)	11 ocorrências (100%)	3 ocorrências (18%)	14 ocorrências (82%)	0 ocorrências (0%)	13 ocorrências (100%)
<s>	<ç>	<s>	<ç>	<s>	<ç>	<s>	<ç>
Santo	çaber		Março	Saude	çaber		Farnça
saudades	çaber		lançar	sou	çó		lançar
	ção		inportantiçima	saudades	çau		naçia
	çaber		graças		çau		coração
	çaber		reçebim		çe		viçe
	çe		notiçias		ção		conheçes
	ça		eça		çe		paço
	çe		eça		çei		faço
	çe		liçença		çe		pençar
	ço		deça		conheçes		açeita
			voçes		çenão		maçadora
					çe		padeçe
					çole		coração
					çe		

A alternância entre <s> e <ç> aparece em menor número aqui, assim como na última missiva escrita pela noiva nesse período, cujas palavras estão disponíveis logo abaixo:

**Tabela 11:** Número de ocorrências das representações das sibilantes nas cartas da noiva em 1918 – segunda parte

FLY2156			
Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra	
5 ocorrências (33%)	10 ocorrências (67%)	0 ocorrências (0%)	7 ocorrências (100%)
<s>	<ç>	<s>	<ç>
sou	çó		lançar
se	çaber		graças
Senpre	çaber		reçebim
saude	çaber		voçes
saber	çau		paçada
	çabemos		coração
	çe		maçadora
	çaudades		
	ção		
	çaudades		

E, por fim, em 1919, temos as seguintes ocorrências:

**Tabela 12:** Número de ocorrências das representações das sibilantes nas cartas da noiva em 1919

FLY2162			
Posição inicial de palavra		Posição medial de palavra	
4 ocorrências (31%)	9 ocorrências (69%)	0 ocorrências (0%)	5 ocorrências (100%)
<s>	<ç>	<s>	<ç>
sau	çó		lançar
se	çaber		graças
Saudades	çaude		reçebim
Sou	çaber		notícias
	çaude		cazaçe
	çe		
	çe		
	çe		
	çó		

Aqui, mesmo palavras de alta frequência como “se”, aparecem em maior número com o registro de <ç>. Esses dados também mostram que a pressão normativa da época poderia, aos poucos, estar atuando.

A natureza cristalizada das aberturas das cartas, também conhecidas como captação de benevolência, também nos permite esboçar uma hipótese para a escrita das cartas. Vejamos, rapidamente, uma possibilidade de identificar as diferentes pessoas que, talvez, tenham ajudado com a escrita de suas missivas.

## Uma autora, diferentes mãos?

Se considerarmos um cenário em que as missivas foram de fato escritas por diferentes mãos, poderíamos usar as formas de tratamento para ajudar a identificá-las. Com base nas formas de tratamento, que mostram um estilo específico de escrita, e em um cenário em que todas as missivas foram ditadas pela jovem noiva, poderíamos ter quatro escribas:

- (i) Mão A: na carta FLY2161, observamos o uso de “Snr” na abertura da carta;
- (ii) Mão B: nas cartas FLY2155 e FLY2154, observamos o uso de “Illm Snr” nas aberturas das cartas;
- (iii) Mão C: nas cartas FLY2152, FLY2164, FLY2163, FLY2156 e FLY2162, observamos o uso de “meu querido amor” nas aberturas das cartas;
- (iv) Mão D: na carta FLY2153, observamos que não há o uso específico de formas de tratamento na abertura da carta.

Duas possibilidades nos chamaram a atenção. No primeiro caso, os dados apresentados anteriormente sobre as ocorrências de <s> e <ç> para a Mão B (nas missivas FLY2155 e FLY2154) são muito próximos, com instabilidade na grafia de palavras que são encontradas mais de uma vez em uma mesma carta, como “se” e “só” grafadas com <s> e <ç>. Contudo, não há alternância na grafia de “saudades”, uma palavra comum à captação de benevolência das cartas, em ambas as missivas. Em termos cronológicos, na missiva FLY2155, “saúde” é grafada com <ç>, mas isso não ocorre na segunda missiva, FLY2154, em que a palavra é grafada com <s>. Ainda assim, em ambas as cartas, há instabilidade na grafia de palavras usuais, como “saber” e “só”.

O segundo caso que nos chamou a atenção é em relação à possibilidade de uma Mão C ter escrito cinco missivas de nossa amostra. As ocorrências das grafias com <s> e <ç>, como vimos na seção anterior, apresentam certa estabilidade em todas as cartas aqui analisadas. Porém, em ordem cronológica, a instabilidade encontrada na grafia de “saudades” na missiva FLY2152 deixa de existir nas quatro missivas seguintes. No caso de “saúde”, outra palavra muito utilizada na captação de benevolência nas aberturas das cartas, a grafia feita com <ç> começa a variar com <s> nas cartas seguintes (FLY2163, FLY2156 e FLY2162), o que mostra uma possível mudança em curso. É claro que essas são suposições sobre diferentes mãos escrevendo o que foi ditado por nossa autora, mas é interessante verificar que palavras usuais da abertura das cartas apresentaram padronização ou mais instabilidade nas grafias das sibilantes com o passar do tempo.

Vejam, a seguir, como a sócio-história da época pode ajudar a melhor entender essa alternância no registro das sibilantes.

## A sócio-história por trás das cartas

Milroy (1987) chama a atenção para o fato de que os papéis de homens e mulheres dentro de comunidades são distintos. Como destaca Oliveira (2015, p. 315), “os estudos que preconizavam temas relativos a direitos e igualdade das mulheres em Portugal foram um dos mais tardios na Europa”. Khvan (2019, p. 203) complementa essa ideia mostrando alguns dados relacionados ao acesso à educação: “em 1909 as raparigas representavam apenas 9,5% de todos os alunos dos liceus. As mulheres não tinham direito de voto nem o direito a trabalhar na função pública”.

Ribeiro (1999, p. 189) nos mostra que, na primeira década do século XX, mais de 78% da população de Portugal não sabia ler ou escrever. Essa é a mesma época em que ações em prol da alfabetização e do letramento, como a criação de Gabinetes de Leitura e os Gabinetes de Associações Culturais e Profissionais, são realizadas. O autor (RIBEIRO, 1999, p. 196) destaca que muitas ações desse tipo foram promovidas em Coimbra, por conta da existência universidade da cidade. Já Lisboa aparece como o principal centro de leitores no século XIX.

A primeira década do século XX é aquela em que o cenário passa a mudar em termos de educação e isso reflete, de maneira muito pequena, na instrução oferecida às mulheres. Por exemplo, Khvan (2019, p. 204) destaca que:

De 1911 a 1916 foram fundados organismos tais como a Associação de Propaganda Feminista, a Comissão Feminina «Pela Pátria», o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, a Cruzada das Mulheres Portuguesas (Brito Jorge, 2010). Em 1924 realizou-se o 1º e em 1928 o 2º Congressos Feministas

O difícil acesso à educação, por parte das mulheres portuguesas da época, é um dos indícios que ajuda a explicar a ortografia mais conservadora encontrada nas cartas da noiva, mas não nas missivas dos homens de sua rede social. Os locais por onde esses indivíduos circulavam pode ajudar a explicar também o grau de contato com a ortografia atualizada do período, fazendo com que as cartas da noiva não refletissem isso. Contudo, é interessante observar a instabilidade no registro da ortografia das sibilantes, mostrando que uma mudança pudesse estar em curso à época.

## Considerações finais

William Labov tem uma máxima que diz que, em muitas pesquisas linguísticas, temos que fazer bom uso de maus dados. Esta investigação faz jus a esse mantra. Um número pequeno de cartas, com pouca informação social sobre seus missivistas, faz com que muitas perguntas possam ser levantadas, mas poucas respostas geradas. Ainda assim, essa pesquisa torna-se empolgante no sentido de dialogar com o passado. Na simples grafia das sibilantes, é possível esboçar a possibilidade de as normas gramaticais terem viajado pelo território português em velocidades e maneiras distintas. O que os dados nos ajudam a entender é que, de fato, áreas rurais aparecem como centros de um conservadorismo linguístico. Esses centros são penetrados por grupos específicos de indivíduos, neste caso pelos homens, e a instabilidade na ortografia, junto ao histórico das sibilantes em Portugal, nos auxilia nesse entendimento.

Em resumo, neste artigo, nos debruçamos sobre nove cartas pessoais escritas nas primeiras décadas do século XX por uma noiva portuguesa a seu amado, que lutava nas frentes de batalha francesas durante a Primeira Guerra Mundial. Dentre diversas missivas do Projeto FLY, apenas essas foram escritas por uma mulher. Esses também foram os únicos documentos do acervo digital que apresentaram variação na representação das sibilantes: ora escritas com <s>, ora com <ç>.

Nossa investigação mostrou que a rede social da autora não exerceu influência direta sobre a ortografia das sibilantes, uma vez que apenas uma carta, de seu noivo, havia sido direcionada diretamente para ela. Em um possível cenário em que as cartas tenham sido ditadas pela jovem noiva a outras mãos, a suposta Mão C poderia ser

aquela em cujos escritos observamos a padronização na escrita de “saudade”, uma palavra comum à abertura das cartas pessoais da época, e uma mudança em curso para a grafia de “saúde”, também muito utilizada na captação de benevolência. É interessante verificar que as mulheres pouco acesso tinham à educação na época e que a falta de uma instrução formal poderia resultar em um sistema ortográfico mais conservador do Português Europeu da época. Ainda assim, a instabilidade no registro das sibilantes também mostra que havia uma mudança linguística em curso já nas regiões rurais mais afastadas dos centros letrados e urbanos portugueses da época. Assim, o alcance da normatividade linguística parece ter se estendido mesmo sem a presença da educação formal, para determinados grupos da sociedade.

É inegável o sentimento de saudade nestas missivas. Considerando que o período aqui focado é um dos mais sombrios da humanidade, uma guerra de grandes proporções, é necessário frisar que não queremos, aqui, tratar as linhas escritas de coração aberto por nossa autora como meros dados. Entendemos que é de grande responsabilidade trazer, e tentar entender, esses sentimentos à luz de teorias de descrição linguística. A língua é um reflexo do mundo que nos cerca e da maneira pela qual nos relacionamos com ele e com nós mesmos. Aqui, as linhas de nossa autora mostram isso. Esperamos que nossa investigação tenha sido respeitosa e que tenha feito jus à sua memória e a de seus entes queridos.

### Referências bibliográficas

AMARAL, A. O dialeto caipira. 1920. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra =7381](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra =7381)>. Acesso em 30 de junho de 2015.

COSERIU, E. Teoria da Linguagem e Linguística Geral. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/ EDUSP, 1979.

ECKERT, P. WENGER, E. Communities of practice in sociolinguistics: what is the role of power in sociolinguistic variation? *Journal of Sociolinguistics*, 9/4, pp. 582-589, 2005.

KE, J.; GONG, T.; WANG, W. Language Change and Social Networks. *Commun. Comput. Phys.*, v.3, n.4, pp. 935-949, 2008.

KHVAN, M. O papel da mulher na sociedade portuguesa: um olhar pelo lado de fora (uma breve revisão). *Studia Iberystyczne*, 18, pp. 201-212, 2019.

PETRUCCI, A. Scrittura, alfabetismo ed educazione gráfica nella Roma del primo cinquecento: da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere. *Scrittura e Civiltà*, Firenze, n. 2, p.163-207, 1978.

LABOV, W. Principles of linguistic change, vol. 1: Internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LEITE, M. A construção da norma linguística na gramática do século XVIII. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 55, n. 2, 2011.

LUZ R. O tratamento na produção epistolar de João Pinheiro da Silva: análise sociopragmática de tu x você e respectivas formas gramaticais. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015

MILROY, L. Language and social networks, 2nd ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

OLIVEIRA, D. História Das Mulheres Portuguesas: Exílios E Deslocamentos. Projeto História, São Paulo, n. 52, pp. 307-317, Jan.- Abr. 2015

RIBEIRO, M. Livros e Leituras no século XIX. Revista de história das ideias. v. 20, 1999.

ROMAINE, S. Socio-Historical Linguistics. Cambridge University Press: Cambridge, 2009.

RUMEU, M. Para uma história do português no Brasil e do Brasil: edição de cartas setecentistas, oitocentistas e novecentistas. CALIGRAMA, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 133-160, 2010.

TEYSSIER, P. História da Língua Portuguesa. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

XAVIER, K. O grau de letramento de um casal carioca: uma análise da grafia <r>. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 1 (2): 78-96, jul. dez. 2015.